



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E DA SAÚDE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM**

MONARA VITORIA SILVA DINATO

**O QUE OS OLHOS NÃO VÊEM O CORAÇÃO NÃO SENTE? ESTUDO
NARRATIVO SOBRE A SAÚDE MENTAL DOS CEGOS**

Goiânia, 2024

MONARA VITÓRIA SILVA DINATO

**O QUE OS OLHOS NÃO VÊEM O CORAÇÃO NÃO SENTE? ESTUDO
NARRATIVO SOBRE A SAÚDE MENTAL DOS CEGOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Graduação em Enfermagem da Escola de Ciências Sociais e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito para obtenção de nota parcial para conclusão do curso.

Linha de pesquisa: Promoção da Saúde.
Eixo temático: Saúde Mental.
Orientador: Prof. Ms. Maria Salete Pontieri Nascimento.

Goiânia, 2024

FOLHA DE APROVAÇÃO

MONARA VITORIA SILVA DINATO

O QUE OS OLHOS NÃO VÊEM O CORAÇÃO NÃO SENTE? ESTUDO NARRATIVO SOBRE A SAÚDE MENTAL DOS CEGOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Enfermagem da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Enfermagem, sob a orientação da Prof.^a Maria Salete Pontieri Nascimento

Orientadora: Prof.^a Maria Salete Silva Pontieri Nascimento

Linha de Pesquisa: Promoção da Saúde

Eixo Temático: Saúde Mental

Aprovado em: 12 de dezembro de 2024

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a MS. Maria Salete Silva Pontieri Nascimento

Orientadora

1º Examinador

2º Examinador

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso, primeiramente, a Deus, cuja graça e misericórdia foram essenciais para que eu chegasse até aqui. Expresso minha profunda gratidão aos meus pais, Divino Aurélio Dinato e Rozelha Maria da Silva, cuja força, apoio e exemplo de vida inspiraram a realização deste trabalho. Dedico também à minha avó paterna, Maria Alves Fonseca, cuja presença sempre me motivou, e aos meus avós maternos, Senaide Emídio da Silva e Luzia Glória da Silva, que, embora não estejam mais entre nós, sei que torcem por mim e me iluminam lá do céu.

AGRADECIMENTO

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, fonte de força, inspiração e sabedoria, por me sustentar ao longo dessa jornada acadêmica, permitindo-me seguir firme na busca pelo conhecimento e me aprofundar em uma carreira tão nobre e transformadora como a Enfermagem.

Aos meus pais, Divino Aurélio Dinato e Rozelha Maria da Silva, minha gratidão eterna por todo o incentivo, amor e por serem exemplos vivos de superação e determinação. Foram vocês que me ensinaram que, independentemente das dificuldades, é possível alcançar tudo o que desejamos, desde que sejamos focados, objetivos e dedicados. Este trabalho é fruto do que aprendi com vocês e da inspiração que me proporcionam diariamente.

Ao meu irmão, Rafael Aurélio Silva Dinato, meu mais profundo agradecimento por sua constante preocupação e carinho, por sempre me perguntar se estava bem, por levar-me água e comida nas noites em claro e por estar ao meu lado enquanto eu escrevia este Trabalho de Conclusão de Curso. Sua presença fez toda a diferença nesse processo.

À minha querida avó, Maria Alves Fonseca, meu reconhecimento e amor infinitos. Desde o primeiro período, a senhora me apoiou incondicionalmente, tanto emocional quanto financeiramente, e sempre acreditou em mim, declarando com orgulho que eu seria a melhor enfermeira do mundo. Sua confiança foi a força motriz que me impulsionou a superar os desafios e acreditar no meu potencial.

Agradeço também à minha madrinha de crisma, Fátima, uma pessoa especial e essencial na minha trajetória. Sua sabedoria, apoio e estímulo constante foram cruciais para que eu pudesse extrair o melhor de mim em cada etapa desse percurso.

Aos meus amigos de faculdade, que tornaram essa jornada mais leve e significativa, minha imensa gratidão. Vocês me ensinaram que a faculdade não é apenas um espaço de aprendizado, mas também um lugar para construir amizades verdadeiras, que transcendem o ambiente acadêmico e se tornam pilares em nossas vidas. Obrigada, Igor Donatoni, Isac Wink, Jayni Melo, Amanda Rodrigues e Igor Souza. Um agradecimento especial às minhas grandes amigas e irmãs de alma, Millena Freire e Mayara Dias, que estiveram ao meu lado desde o início e compartilharam comigo todos os altos e baixos dessa caminhada.

Aos meus amigos da vida, que foram essenciais em minha trajetória acadêmica, por sempre me incentivarem a ser a melhor versão de mim mesma, minha eterna gratidão. Obrigada Danielle Araújo, Aline Almeida, Débora dos Anjos, Beatriz Silva, João Vitor, Ana Clara Benevides, Sara Rúbia Benevides, Rúbia e Giovana.

Aos meus colegas de profissão, que contribuíram imensamente para a minha formação como enfermeira, sou profundamente grata. Vocês me ensinaram lições valiosas e me apoiaram em cada etapa, deixando marcas indeléveis em minha jornada. Agradeço especialmente aos funcionários da UTI, pela paciência e apoio constantes; aos enfermeiros e técnicos que me incentivaram e auxiliaram nos procedimentos; e às enfermeiras Alessandra e Ana Fonseca, Elaine, Camila, que sempre compartilharam todos os seus conhecimentos cinéticos comigo me ajudando a ser melhor a cada dia. Um agradecimento especial à Hyandra, que hoje se tornou muito mais que uma colega de profissão, e à Heloany, por acreditar no meu potencial e abrir portas importantes para minha carreira. E ao Rogério, uma referência profissional e humana, que me inspira profundamente.

Por fim, registro minha gratidão à minha orientadora, Maria Salete. Sua dedicação, paciência e orientação foram fundamentais para que eu concluísse essa jornada tão especial. Você é um exemplo de profissionalismo e competência, alguém que me ajudou a enxergar além dos meus próprios limites e a acreditar que posso ir muito mais longe do que jamais imaginei.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização desse sonho, meu mais sincero e profundo agradecimento. Este trabalho é fruto de cada apoio, incentivo e palavra de motivação que recebi ao longo dessa trajetória.

RESUMO

DINATO, M. V. S. **O que os olhos não veem o coração não sente? Estudo narrativo sobre a saúde mental dos cegos.** 2024. 37 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) - Escola de Ciências Sociais e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, Goiás, 2024.

INTRODUÇÃO: a deficiência visual afeta 285 milhões de pessoas no mundo. No Brasil, atinge 6,5 milhões pessoas. Além dos impactos físicos, essa condição está associada a desafios emocionais e sociais significativos. Este trabalho destaca a influência da deficiência visual na saúde mental com foco em fatores como isolamento e a discriminação. **OBJETIVO:** identificar se a deficiência visual traz repercussões sobre a saúde mental da pessoa que a vivencia. **METODOLOGIA:** realizou-se uma revisão narrativa de literatura, abrangendo publicações entre 2019-2024 disponíveis na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Portal de Periódicos da Capes, SciELO (Scientific Electronic Library Online), Google Acadêmico, Portal de Revistas Eletrônicas da USP, Portal de Revistas Eletrônicas da Fiocruz. Como critérios de inclusão foram utilizados artigos publicados nos últimos cinco anos em língua portuguesa. A exclusão ocorrerá por meio de editoriais, teses, dissertações e estudos que abordavam outro tipo de temática. **RESULTADO:** a deficiência visual está associada a altos índices de ansiedade e depressão, principalmente em casos graves ou em indivíduos isolados socialmente. Estudos apontam que fatores como baixa escolaridade, acessibilidade limitada e dependência aumentam a vulnerabilidade emocional. Em contrapartida, redes de apoio, reabilitação e prática esportiva demonstram impacto positivo no bem-estar emocional e na qualidade de vida. Esses resultados reforçam a importância de estratégias inclusivas com suporte psicológico e social para mitigar os desafios psicossociais enfrentados por essas pessoas. **DISCUSSÃO:** a deficiência visual está associada a múltiplos desafios psicológicos e sociais, sendo a inclusão limitada um dos maiores obstáculos. A ausência de preparo dos profissionais de saúde e o preconceito agravam os problemas de saúde mental dessa população. Estudos mostram que iniciativas como reabilitação precoce, apoio social e maior acessibilidade podem mitigar esses impactos e melhorar a qualidade de vida. **CONCLUSÃO:** o estudo ressalta a urgência de ampliar políticas de saúde pública que promovam acessibilidade, suporte psicológico e inclusão, contribuindo para uma sociedade mais equitativa.

Palavras-chave: deficiência visual; saúde mental; doenças psicossociais e qualidade de vida.

ABSTRACT

DINATO, M. V. S. **What the eyes cannot see, the heart cannot feel? A narrative study on the mental health of blind people.** 2024. 37 f. Final Paper (Nursing Course) - School of Social and Health Sciences, Pontifical Catholic University of Goiás, Goiânia, Goiás, 2024.

INTRODUCTION: visual impairment affects 285 million people worldwide, and in Brazil, it affects 6.5 million, with 500,000 being blind and 6 million having some form of visual impairment. In addition to physical impacts, this condition is associated with significant emotional and social challenges. This study highlights the influence of visual impairment on mental health, focusing on factors such as isolation and discrimination. **OBJECTIVE:** To identify whether visual impairment has repercussions on the mental health of individuals living with it. **METHODOLOGY:** a narrative literature review was conducted, covering publications from 2019 to 2024, available in the Virtual Health Library (BVS), CAPES Journal Portal, SciELO (Scientific Electronic Library Online), Google Scholar, the USP Electronic Journal Portal, and the Fiocruz Electronic Journal Portal. Inclusion criteria will include articles published in the last five years in Portuguese. Exclusion will occur for editorials, theses, dissertations, and studies addressing other themes. **RESULTS:** visual impairment is associated with high rates of anxiety and depression, especially in severe cases or among socially isolated individuals. Studies indicate that factors such as low education, limited accessibility, and dependence increase emotional vulnerability. In contrast, support networks, rehabilitation, and sports practice show a positive impact on emotional well-being and quality of life. These results emphasize the importance of inclusive strategies, with psychological and social support, to mitigate the psychosocial challenges faced by these individuals. **DISCUSSION:** visual impairment is associated with multiple psychological and social challenges, with limited inclusion being one of the greatest obstacles. The lack of preparation among healthcare professionals and prejudice exacerbate the mental health problems of this population. Studies show that initiatives such as early rehabilitation, social support, and increased accessibility can mitigate these impacts and improve quality of life. **CONCLUSION:** the study highlights the urgency of expanding public health policies that promote accessibility, psychological support, and inclusion, contributing to a more equitable society.

Keywords: visual impairment; mental health; psychosocial disorders; quality of life.

LISTA DE QUADROS E FIGURA

Quadro 1: Identificação dos artigos selecionados	21
Quadro 2: Ansiedade e depressão entre pessoas com Deficiência Visual (DV)	22
Quadro 3 – Fatores que contribuem para o Sofrimento Psicológico em Pessoas com Deficiência Visual	25
Figura 1 – Prevalência de depressão e ansiedade em pessoas com deficiência visual (atualizado).....	24

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 OBJETIVOS	14
2.1 Objetivo Geral	14
2.2 Objetivos Específicos	14
3 REVISÃO DA LITERATURA	15
4 CAMINHO METODOLÓGICO	19
5 RESULTADOS	20
5.1 Fluxograma dos artigos selecionados	20
5.2 Ansiedade e depressão entre pessoas com deficiência visual	22
5.3 Fatores que agravam a depressão e a ansiedade entre pessoas com DV ..	25
5.4 A relação positiva entre as Redes de Apoio, Programa de Reabilitação e prática de esporte no bem-estar emocional das pessoas com DV	26
6 DISCUSSÃO	28
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS	33

1 INTRODUÇÃO

O Ministério da Saúde, junto à Organização Mundial de Saúde, aponta que aproximadamente 285 milhões de pessoas que detêm alguma deficiência visual no mundo. No Brasil, os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que de 6,5 milhões, 500.000 pessoas são cegas e 6 milhões contam com alguma deficiência visual. Esse resultado é de grande importância para a sociedade, por apresentar grande impacto tanto físico, como psicológico na vida de quem possui tal deficiência (Brasil, 2023; IBGE, 2023).

Em relação aos números pressupostos, 60 a 80% dos casos realizam algum tratamento ou são evitados. Estimam-se que na América Latina, a cada 1 milhão de habitantes, ao menos 20.000 são deficientes visuais, enquanto 5 mil possuem cegueira. Vale destacar ainda que doenças como catarata, glaucoma, retinopatia diabética, oncocercose, defeitos retroativos e degeneração macular são consideradas os principais motivos para tais deficiências (Brasil, 2023; OPAS, 2023).

Mundialmente, segundo a OMS, a cada 5 segundos, um adulto perde a visão, e as crianças não ficam de fora dessa perspectiva, enfrentando o mesmo problema. Segundo um estudo publicado pelo jornal da Universidade de São Paulo (USP) e conduzido pelos estudos *Vision Expert Group*, até 2050 os números de cegueira e outras deficiências visuais tendem a ter um aumento expressivo, chegando, assim, a um número próximo de 61 milhões de pessoas cegas, 474 milhões com deficiência visual moderada e severa e 360 milhões apresentando alguma deficiência visual leve (Neves, 2023; Grepí, 2020).

Ao atribuir o conceito de deficiência visual tem-se a perda de visão total ou parcial, podendo ser congênita ou adquirida, ou seja, os níveis de acuidade visual podem variar, podendo o indivíduo: perder totalmente a visão, o qual conhecemos por cegueira; ou ter baixa visão, caracterizada como o comprometimento visual dos olhos mesmo após tratamento ou correção. Nesse último caso, a pessoa consegue ler textos impressos e ampliados, mas também foi desenvolvido um sistema de leitura tátil, conhecido como *braille*, como uma das formas de comunicação e que pode ser utilizado tanto por cegos quanto por pessoas com baixa visão (Brasil, 2023).

O Doutor João Marcello Furtado, docente na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, defende que o uso dos óculos pode prevenir a maior parte dos problemas relacionados à visão. Ainda, destaca a catarata como o principal fator

causal de cegueira e a segunda causa de deficiência visual, podendo ser tratada por meio de uma cirurgia única e simples. Um ponto crucial apontado pelo professor, pautado na melhoria da qualidade dos serviços, está na distribuição de óculos e assistência financeira para os menos favorecidos, o que reduziria significativamente o quantitativo de vítimas da cegueira e problemas de visão no Brasil (Grepí, 2020).

A história da cegueira perante a humanidade sempre foi marcada pela rejeição, religiosidade, desconhecimento e intolerância. No processo cultural da sociedade antiga era comum o sacrifício de pessoas cegas. Eram consideradas incapazes para o trabalho e não se adequavam às normas sociais daquela época. Em Atenas e Esparta as crianças eram abandonadas nas montanhas enquanto na Roma antiga elas eram jogadas nos rios (De Castro Roma e Dos Santos, 2020). Algumas tribos nômades abandonavam os cegos em locais com animais ferozes ou nas tribos inimigas (Benazzi, 2015).

Muitas pessoas ainda enxergam deficientes visuais como seres humanos incapazes de levar uma vida independente, produtiva e saudável. E quando conseguem superar essas barreiras são apontadas como pessoas superdotadas. A sociedade, historicamente, destinou um lugar para as pessoas com deficiência, lamentavelmente, caracterizado pela discriminação e segregação (Castro; Santos, 2020).

Em seu livro intitulado como *Modernidade Líquida*, Zygmunt Bauman (2001) mostra uma análise anacrônica de como as pessoas consideram e enxergam as pessoas com deficiência. São seres humanos que causam uma determinada surpresa, desconforto e até mesmo inquietação pois, de certa forma, acabam por bagunçar a harmonização dos ditos como normais.

Como forma de enfrentamento dessas questões, o dia 13 de dezembro é destinado à comemoração do Dia Nacional dos Cegos, desde 1961. Essa data busca despertar uma consciência social sobre questões importantes como preconceito e a discriminação e, assim, reduzir a ignorância em torno das pessoas com deficiência visual (Brasil, 2018).

A inclusão é uma questão que deve estar presente em todos os ambientes, desde as escolas até o mercado de trabalho, os esportes e a saúde. Em julho de 2015 foi criada a Lei n. 13.146 que dispõe sobre a Inclusão de Pessoas com Deficiência, cujo propósito é assegurar e fomentar uma igualdade de oportunidades para indivíduos com alguma deficiência (Brasil, 2015).

Diante desse contexto surgem algumas indagações: o fato da pessoa ter uma deficiência visual traz implicações em sua saúde mental? Quais seriam essas implicações repercutidas na vida das pessoas com deficiência visual e cegueira?

Dessa maneira, vale destacar que a Saúde mental é um aspecto muito importante na qualidade de vida de todos os indivíduos, sendo algo que vai estar diretamente ligado com o bem-estar social, emocional e psicológico. Todavia, pessoas com algum tipo de deficiência, principalmente a visual, tem uma carga adicional de estresse, ansiedade, isolamento e até mesmo depressão por não se sentir parte de uma população. São esses fatores enfrentados no seu cotidiano que influenciam de forma negativa a saúde mental.

Tratando-se da disposição de acessibilidade, é verificado que são poucos os lugares que existem uma estrutura adequada e pessoas capacitadas para o auxílio dos cidadãos com cegueira. Constantemente, esses seres humanos são marginalizados na sociedade contemporânea. Como dizia um grande escritor brasileiro, Carlos Drummond de Andrade, em seu poema: “no meio do caminho tinha uma pedra, tinha uma pedra no meio do caminho”. Essa problemática se classifica como uma barreira que deve ser superada para que uma sociedade íntegra seja alcançada.

Ao se referir acerca da existência de literaturas sobre essa temática é verificado uma lacuna existente. São poucas obras que abrangem a relevância e a importância do bem-estar psicológico e emocional de pessoas com deficiência visual. Dessa forma, são poucos estudos que visam a inclusão social e formas de melhorar a qualidade de vida. É notável a urgência da área da saúde em promover uma assistência mais abrangente e eficaz.

É crucial compreender as experiências, dificuldades e necessidades das pessoas com deficiência visual para desenvolver estratégias de intervenções e políticas públicas mais eficientes e inclusivas. Este estudo pretende suscitar conhecimentos em torno da deficiência visual e das implicações na saúde mental de quem a vivência. A escolha do tema é pertinente por meus pais possuírem cegueira, oportunizando, desse modo, um olhar sobre a realidade de diversos sujeitos expressos nas publicações científicas a este respeito.

Diante desse cenário, o estudo visa contribuir com um maior conhecimento em torno das implicações na saúde mental dessas pessoas, para que, como futura enfermeira, eu posso não apenas compreender os sentimentos e necessidades de

meus pais, mas também desenvolver ações que colaborem para sociedade uma mais justa e um cuidado mais inclusivo.

2 OBJETIVOS

1.1 Objetivo Geral

Identificar se a deficiência visual traz repercussões sobre a saúde mental da pessoa que a vivência.

1.2 Objetivos Específicos

- Descrever as implicações psicossociais na vida das pessoas com deficiência visual.

3 REVISÃO DA LITERATURA

Em 1966, a Organização Mundial da Saúde (OMS) registrou 66 definições de cegueira. Com base no trabalho conjunto da Academia Americana de Oftalmologia e do Conselho Internacional de Oftalmologia foram analisados conceitos sobre o tema. Portanto, o termo “baixa visão”, que também pode ser referido por “visão subnormal”, foi introduzido junto com o termo “cegueira” (Conde, 2016).

Ademais, a “cegueira parcial”, que também pode ser chamada de profissional ou legal, enquadra pessoas que conseguem contar nos dedos de perto e indivíduos que conseguem ver luminosidade. Dessa forma, o grupo pode ser capaz de identificar o sentido e a direção da origem da luz (NEDESP, 2018).

Tangente ao que foi mencionado também existe um grupo que pode ser classificado como cegueira parcial ou visão subnormal, mas que se aproximam de cegueira total, essas pessoas têm percepção e projeção luminosas conseguindo distinguir entre claro e escuro, mas não sabem de onde vem a luz (NEDESP, 2018).

Portanto, há casos em que a visão é totalmente perdida, o que pode ser chamada de amaurose ou cegueira. No jargão da oftalmologia, isso poderia ser denominado de “visão zero”, o que significa que a percepção de brilho é igual a zero (Conde, 2016).

Existe uma escala que é utilizada no ponto de vista médico para pessoas com algum problema visual. Por exemplo, um indivíduo que apresenta visão inferior a 6/12, é classificado como uma pessoa com acuidade visual leve, pois enxerga a metade da distância de uma pessoa com visão normal. Já quem enxerga inferior a 6/18, ou seja, 1/3 da distância de um indivíduo com visão normal, é classificado como moderada. E existe também a classificação grave, que é quando a visão é inferior a 6/60. Uma pessoa com visão normal enxerga 60 metros, o que essa pessoa pode ver apenas a 6 metros. E sendo cego quando é inferior a 3/60, tendo uma incapacidade quase incompleta de ver (OPAS, 2023).

Porém, em termos pedagógicos, cego é aquele que necessita de *Braille* apesar da baixa visão; ou aquele com deficiência visual ou visão subnormal é aquele que lê letras ampliadas ou com auxílio de fonte de luz potente (NEDESP, 2018).

Segundo informações obtidas pela OMS, as doenças oftalmológicas ou oculares, podem ocorrer inúmeros fatores desde hábitos de vida até por fatores

genéticos. Sendo assim, alguns dessas enfermidades, a longo prazo, podem ocasionar graves consequências, como a cegueira.

Vale destacar que a catarata, uma patologia que atinge o cristalino do olho é responsável por 47% dos casos de cegueira. Além disso, temos também o glaucoma, que é o aumento da pressão intraocular que pode levar à perda da visão, se não for tratada (OMS, 2023).

Em contrapartida, questões alimentares e falta de prática de atividade física pode desencadear outras doenças, como é o caso da retinopatia diabética que, como o próprio nome sugere, é uma complicação da diabetes, podendo ocasionar na perda da visão. Tal condição afeta principalmente a retina, podendo desencadear visão turva, olhos vermelhos e dificuldades de enxergar na luz. E um fato de suma importância é que essa patologia é uma das maiores causas de cegueira dentro do mercado de trabalho (OMS, 2023).

Ademais, esses problemas visuais ocorrem principalmente em pessoas com baixa condição financeira que moram em áreas da periferia e até mesmo rurais, sendo evitáveis em aproximadamente 80% de seus casos. Perante ao que foi mencionado, os serviços oftalmológicos devem ser mais ampliados no serviço público para que, dessa forma, toda a população consiga ter acesso, alcançando o principal objetivo que é diminuir essa problemática dentro da população que necessita de mais atenção (OPAS, 2023).

A mulher está mais propensa a desencadear algum problema visual que pode ou não levar à perda da visão permanentemente. Segundo o Centro Brasileiro de Cirurgia Oftalmológica (CBCO, 2020), foi descrito que em março de 2019 aproximadamente 91% das mulheres vão desenvolver algum problema visual, que é ocasionado por fatores hormonais, como é o caso da gravidez e da menopausa. E esses agravos podem desencadear outras patologias como o caso da catarata, do glaucoma e da degeneração macular relacionada à idade.

Por do que foi mencionado, pode-se observar que existe uma necessidade de ampliar e diversificar o sistema de saúde pública para que toda a população tenha acesso. Assim, foi criada uma lei de nº 793, de abril de 2012, cujo principal objetivo é estabelecer uma rede de assistência para a pessoa com deficiência. Dessa forma, as leis brasileiras tentam a inclusão ao acesso de serviço de saúde pública, para todas as deficiências, sejam elas físicas, auditivas, visuais, intelectuais, temporárias, permanentes ou progressivas (Brasil, 2012).

O Instituto Jundiaense Luiz Braille de Assistência aos Deficientes Visuais foi fundado em dezembro de 1941 na cidade de Jundiaí em São Paulo e oferece algumas atividades voltadas para pessoas com deficiência visual. Entre elas podemos citar acompanhamento psicológico, atividade pedagógica, algumas oficinas, além de cursos profissionalizantes. Tudo voltado para pessoa com algum problema visual. Essa organização foi fundada pelo professor Mário Chaves, que também era cego, ou seja, ele conseguia entender e compreender as necessidades dessas pessoas. Além de promover também campanhas de prevenção e conscientização da cegueira (Instituto Jundiaense Luis Braille, 2021).

Existe também uma Associação Brasileira de Assistência à Pessoa com Deficiência (Laramara), fundada em setembro de 1991 pelo casal Mara e Victor Siaulyis com o objetivo de acolher pessoas com deficiência visual. Tal iniciativa se deu devido à filha do casal, Lara, ter nascido com cegueira ocasionado pela retinopatia da prematuridade. É um local também de pesquisa aprofundada sobre a cegueira e a deficiência visual (Viana, 2023).

No estado de Goiás foi criada, em 1981, uma organização que não possui fins lucrativos denominada Associação de Deficientes Visuais do Estado de Goiás (ADVEG), tendo como um de seus princípios e objetivos monitorar o governo estadual orientando e conscientizando o público em geral sobre a importância do Estado mais acessível para o público com falta de visão. Dessa forma, defende os direitos e os interesses das pessoas com alguma acuidade visual contribuindo, então, para a construção de um ambiente mais inclusivo (ADVEG, 2015).

Quando abordamos um assunto crucial, que é saúde mental das pessoas com deficiência visual é fundamental reconhecer que essa área tem sido frequentemente negligenciada, especialmente no que diz respeito ao financiamento e recursos disponíveis. De acordo com a Organização Panamericana da Saúde, mundialmente, o gasto com serviço de Saúde mental é de 2,8 por cento do gasto total destinado à saúde. Os países considerados de baixa renda gastam cerca de 0,5% do seu orçamento de saúde em serviços destoando ao bem-estar mental, enquanto países de alta renda gastam, em média, 5.1% (OPAS, 2023)

Em paralelo a isso, a OMS recomenda que os gastos com a saúde mental sejam proporcionais aos problemas de saúde mental, ou seja, a proporção das despesas destinadas aos serviços de Saúde Mental deve ser equivalente à porcentagem da carga que esses problemas representam (OPAS, 2023).

O estudo aborda como as experiências precoces de deficiência visual influenciam o bem-estar e a saúde mental. Naqueles que adquiriram a deficiência de forma precoce, antes dos dois anos, as lembranças da infância estavam divididas entre dois extremos: amigos que se adaptaram para incluir essas crianças nas atividades, chamados de “verdadeiros”, ajudaram a proporcionar uma sensação de confiança ao participarem de atividades mais amplas, além do círculo familiar. Por outro lado, existia o outro grupo, que foi tratado como inferior ou excluído das atividades, o que resultou em um impacto negativo no bem-estar psicológico e social (Robertson; Tadić; Rahi, 2021).

Dessa maneira, ao tratarmos do assunto de Saúde mental para pessoas com deficiência visual alguns fatores atuam como estigma desses indivíduos, colocando-os como seres limitados psicologicamente e fisicamente, o que pode acarretar uma série de problemas, sendo o principal deles o distanciamento social e isolamento, limitando, assim, o seu potencial como profissionais e participantes agregadores na sociedade contemporânea (Lamara, 2023).

4 CAMINHO METODOLÓGICO

Trata-se de uma revisão narrativa da literatura desenvolvida a partir de publicações sobre a relação entre a deficiência visual e a saúde mental. A pesquisa discutiu as causas e efeitos psicossociais na vida das pessoas com alguma acuidade visual e as políticas públicas destinadas a esse grupo. Dessa forma, o objetivo central da pesquisa foi descobrir se, ~~de fato~~, a deficiência visual afeta de forma negativa a saúde mental. A pesquisa foi realizada em um recorte temporal do ano de 2019 a 2024.

A pesquisa narrativa pode ser entendida como um método que envolve a coleta de histórias sobre um tema específico, onde o pesquisador encontra algo que precisa ser compreendido. E essa coleta pode ser feita de diversas formas como entrevistas, leituras, apresentações orais ou escritas, podendo ser utilizada como ferramenta educacional (Oliveira, 2008).

As buscas ocorreram nos meses de agosto a setembro de 2024 e os dados coletados em publicações disponíveis, no Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), PubMed (*National Library of Medicine's – NLM*), Portal de Periódicos da Capes, SciELO (*Scientific Electronic Library Online*), Google Acadêmico, Portal de Revistas Eletrônicas da USP, Portal de Revistas Eletrônicas da Fiocruz.

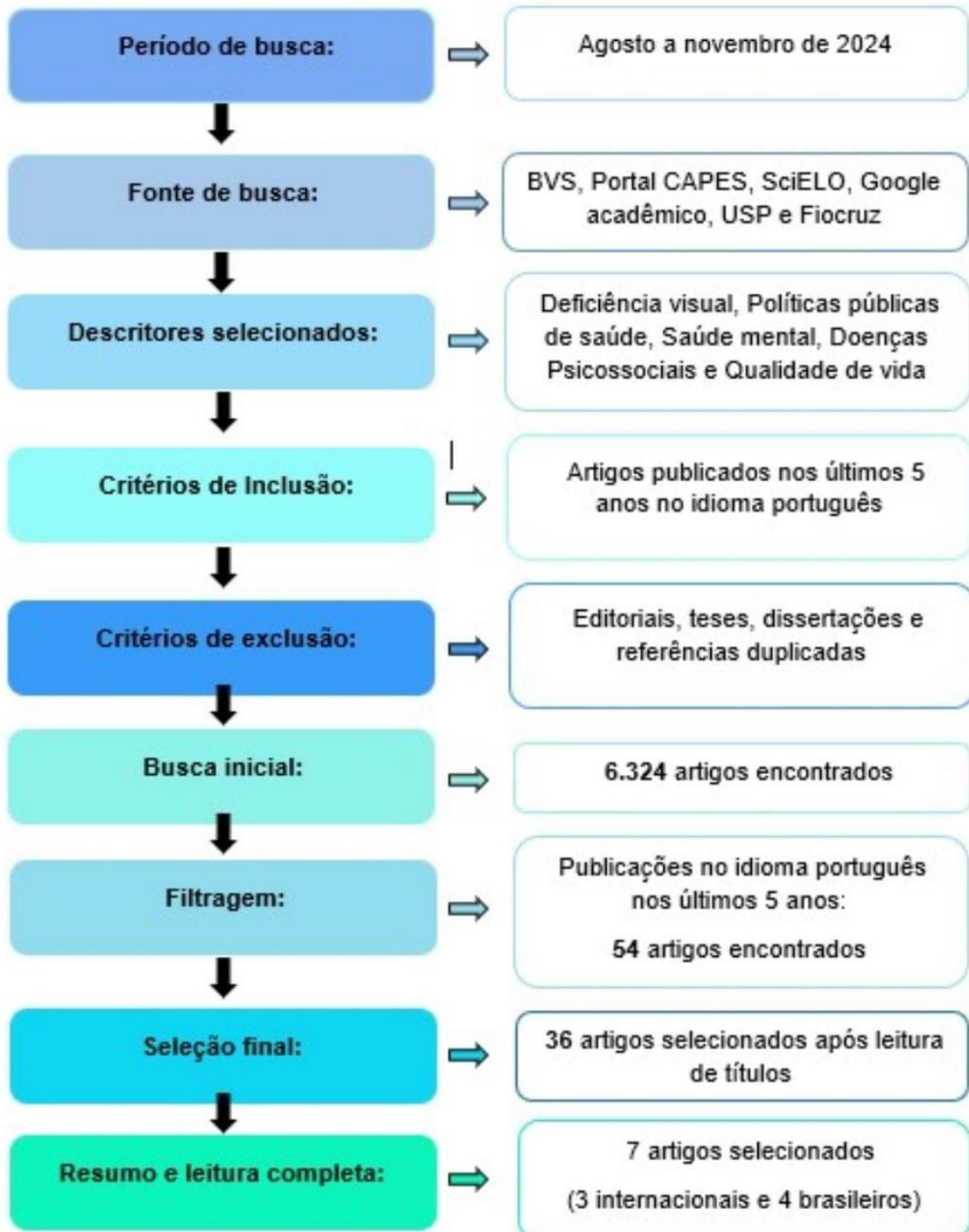
Para o levantamento bibliográfico foram selecionados os descritores e seus sinônimos disponíveis na lista Descritores em Ciências da Saúde /Medical Subject Headings (DeCS/MeSH): Deficiência visual, Políticas Públicas de Saúde, Saúde Mental, Doenças Psicossociais e Qualidade de Vida.

Como critérios de inclusão foram utilizados artigos publicados nos últimos cinco anos em língua portuguesa e inglês que tiveram tradução para o português. A exclusão ocorreu por meio de editoriais, teses, dissertações e estudos que abordassem outro tipo de temática.

A seleção dos estudos ocorreu por meio da leitura de títulos, resumos e leitura integral dos textos. A análise dos dados se realizou após leitura ponderada e reflexiva e os resultados sintetizados e avaliados criteriosamente e discutidos com o suporte de autores de referência na literatura.

5 RESULTADOS

5.1 Fluxograma dos artigos selecionados



Quadro 1 – Identificação dos artigos selecionados

TÍTULO	AUTOR	ANO	PAÍS
1.Barreiras e facilitadores para reconhecer e discutir depressão e ansiedade vivenciadas por adultos com deficiência visual ou cegueira: um estudo qualitativo	Van Munster <i>et al.</i>	2021	Holanda
2.Deficiência visual e ansiedade e depressão autorrelatadas em idosos na Nigéria: evidências de uma pesquisa transversal no estado de Kogi	Gascoyne <i>et al.</i>	2022	Nigéria
3.Deficiência visual e sofrimento psicológico entre adultos que frequentam o centro de treinamento e cuidados oftalmológicos terciários da Universidade de Gondar, noroeste da Etiópia: um estudo transversal comparativo	Munaw e Tegegn	2022	Etiópia
4.Avaliação dos sintomas de depressão em pessoas com deficiência visual	Izabel e Tiyomi	2021	Brasil
5.Risco de depressão em idosos com deficiência visual em um município do sertão cearense	Ferreira <i>et al.</i>	2022	Brasil
6.Dissimilaridade entre o estado de humor, humor deprimido e qualidade de vida em atletas com deficiência visual	Vigário <i>et al.</i>	2019	Brasil
7.Avaliação da qualidade de vida relacionada à saúde em um programa de reabilitação para pessoas com deficiência visual	Rocha e Castro	2032	Brasil

5.2 Ansiedade e depressão entre pessoas com Deficiência Visual

Quadro 2 – Ansiedade e depressão entre pessoas com Deficiência Visual (DV)

País	População	Grupo Populacional	Nível de Deficiência Visual	Prevalência de Ansiedade e Depressão	Fatores Associados	Referências
Holanda	16 adultos cegos	Adultos com cegueira	Cegueira total	Ansiedade e depressão presentes Sintomas não relatados aos profissionais de saúde	Percepção de que a DV não compromete suas vidas	Van Muster <i>et al.</i> (2021)
Etiópia	412 pessoas (metade com DV, metade com visão normal)	Indivíduos com e sem deficiência visual	Deficiência visual severa ou cegueira	Ansiedade e/ou depressão em 43,2% dos participantes	Grau de escolaridade, situação conjugal, tempo e tipo de perda de visão, condições de moradia	Munaw e Tegegn (2022).
Nigéria	3.926 adultos com mais de 50 anos	Idosos com DV moderada a severa	Moderada a severa	7,4% com depressão e 12,5% com ansiedade; risco até 4 vezes maior	Saúde física, limitações de atividades, vulnerabilidade psicossocial em homens	Gascoyne <i>et al.</i> (2022).
Brasil	44 atletas masculinos	Atletas com deficiência visual	DV não especificada	18,2% apresentaram risco moderado para depressão	Afastamento social, dedicação ao esporte, pressão por resultados	Vigário <i>et al.</i> , (2019)
Brasil (RJ)	Não especificado	Pessoas em programa de reabilitação	DV não especificada	27% suscetíveis à ansiedade e depressão	Interferência nas atividades diárias	Rocha e Castro, (2022).
Brasil (CE)	28 idosos no sertão cearense	Idosos com deficiência visual	DV não especificada	Mais da metade com sintomas de depressão; 20% afirmaram que a vida não é digna de ser vivida	Isolamento social, dependência, perda de autonomia	Ferreira <i>et al.</i> (2002)

De acordo com as análises dos estudos citados nos Quadros 1 e 2, foram observados sintomas de ansiedade e a depressão em pessoas cegas e com deficiência visual em estudos realizados na Holanda, Nigéria, Etiópia e Brasil (Van Muster *et al.*, 2021; Munaw, Tegegn, 2022; Gascoyne *et al.*, 2022; Vigário *et al.*, 2019; Rocha, Castro, 2022; Ferreira *et al.*, 2022).

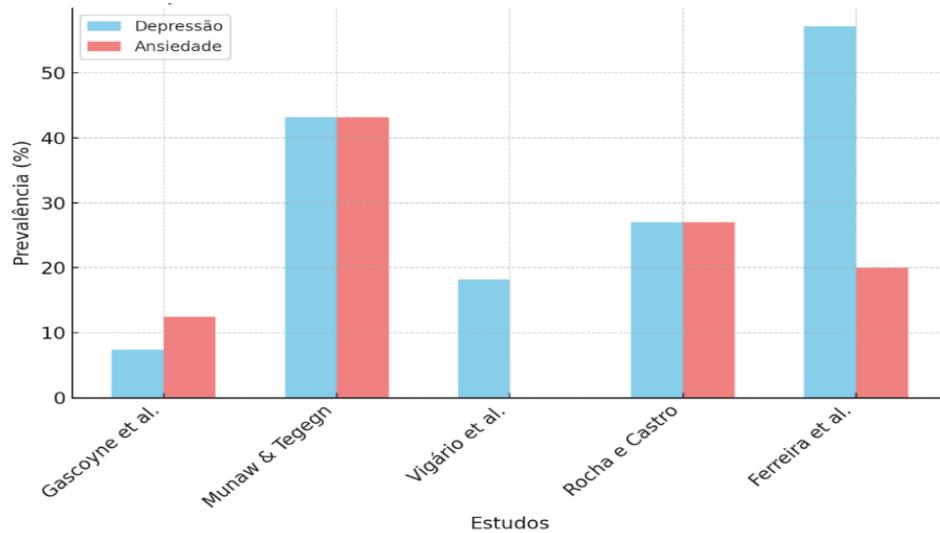
Na Holanda, os depoimentos afirmaram que a deficiência visual não comprometia suas vidas, as queixas ou sintomas ansiosos ou depressivos não eram relatados aos profissionais da saúde (Van Muster *et al.*, 2021).

Na Etiópia, o estudo onde metade possuíam visão normal e a outra metade deficiência visual, identificou sinais de ansiedade e depressão mais intensos em indivíduos com deficiência visual severa ou cegueira, em comparação com aqueles sem essa condição. Fatores que influenciam no sofrimento psicológico estão intimamente ligados ao grau de escolaridade, situação conjugal, tempo de perda de visão, tipo de perda de visão e condições de moradia (Munaw; Tegegn, 2022), o que evidencia um nível de angústia psicológica, abrangendo tanto a depressão quanto a ansiedade, e a relação entre o efeito adverso da perda da visão e cegueira e o sofrimento mental (Munaw; Tegegn, 2022).

Na Nigéria, os homens com deficiência visual moderada ou severa apresentaram mais chances de desencadear ansiedade e/ou depressão do que as mulheres com a mesma deficiência visual (Gascoyne *et al.*, 2022).

Embora as mulheres se apresentem mais propensas a desenvolver transtornos de ansiedade e depressão, os homens idosos podem ser mais vulneráveis aos efeitos psicossociais da perda de visão. Tal descoberta pode ser atribuída a fatores como condições de saúde física e as diferenças nas limitações de atividades entre os gêneros (Gascoyne *et al.*, 2022).

Figura 1 – Prevalência de depressão e ansiedade em pessoas com deficiência visual (atualizado)



Constatou-se prevalência de 7,4% de depressão e 12,5% de ansiedade entre pessoas com deficiência visual. A probabilidade de desenvolvimento desses transtornos aumenta conforme a gravidade da deficiência visual. Pessoas com DV moderada a severa apresentaram até quatro vezes mais chances de desenvolver sintomas de depressão ou ansiedade em comparação com aqueles sem deficiência (Gascoyne *et al.*, 2022).

Em relação à qualidade de vida de 44 atletas brasileiros, do sexo masculino, com deficiência visual, foi identificado que 18,2% apresentavam risco moderado para depressão. O surgimento de sintomas depressivos e ansiosos foi associado a fatores como afastamento de atividades sociais, de lazer e do convívio familiar devido à dedicação ao esporte, além da pressão por resultados (Vigário *et al.*, 2019).

Sobre a saúde mental de pessoas com deficiência visual em um programa de reabilitação no Rio de Janeiro, constatou-se que 27% dos entrevistados apresentaram suscetibilidade à ansiedade e à depressão, o que demonstrou interferir significativamente nas associações com as atividades diárias (Rocha; Castro, 2022).

No sertão cearense foram relatados sintomas de depressão em idosos. Fatores como isolamento social, dependência e perda de autonomia contribuíram significativamente para o aumento da depressão nessa população (Ferreira *et al.*, 2022).

Aproximadamente, 20% dos entrevistados expressaram que suas vidas não são dignas de serem vividas devido à deficiência. Apenas 7.14% dos entrevistados, consideraram maravilhoso estarem vivos naquele momento, já 16 idosos afirmaram sentir-se vazios na vida (Ferreira *et al.*, 2022).

5.3 Fatores que agravam a depressão e a ansiedade entre pessoas com DV

Quadro 3 – Fatores que contribuem para o Sofrimento Psicológico em Pessoas com Deficiência Visual

Fator	Descrição	Impacto na Saúde Mental
Perda súbita da capacidade visual	Contribui para o sofrimento psicológico.	Aumento da exaustão mental e solidão.
Deficiência visual bilateral	Limita a capacidade de interação social e aumenta o isolamento.	Aumento da depressão e ansiedade.
Convivência prolongada com a deficiência	Associada a sentimentos de solidão e diminuição da autoestima.	Intensifica o sofrimento psicológico.
Distanciamento social	Dificuldade em manter relações sociais.	Aumento da solidão e sensação de falta de valor.
Necessidade de apoio para tarefas diárias	Impacta a independência e a autoconfiança.	Aumento da depressão e da sensação de dependência.
Acessibilidade limitada	Dificuldades de movimento e necessidade de ajuda para se deslocar.	Maior probabilidade de sintomas depressivos.
Estado civil	Pessoas solteiras têm maior probabilidade de sofrer problemas psicológicos em comparação com casadas.	Aumento do risco de depressão e solidão.
Viver sozinho	Aumenta o sofrimento psicológico em comparação a viver com familiares.	Maior risco de problemas psicológicos.
Duração da deficiência visual	Quanto mais tempo a pessoa é deficiente visual, mais severos os sintomas depressivos.	Risco elevado de desenvolvimento de problemas psicológicos.
Idade em que ocorre a deficiência	Quanto mais tarde a cegueira se instala, menos severos os sintomas.	Menor intensidade dos sintomas depressivos.
Nível educacional	Baixa escolaridade está associada a sintomas depressivos mais acentuados.	Aumenta a vulnerabilidade à depressão.
Idade avançada	Aumenta a incidência de sintomas depressivos.	Risco elevado de desenvolvimento de problemas psicológicos.
Pobreza	Relação direta com a saúde mental em países de baixa e média renda.	Prejudica o bem-estar psicossocial.

De acordo com o Quadro 3, percebe-se que a perda súbita da capacidade visual, a deficiência visual bilateral e a convivência prolongada com essa condição são fatores que contribuem para o sofrimento psicológico. E se relacionam com a exaustão mental, a diminuição das interações sociais e pode resultar no surgimento de sensações de solidão e isolamento (Munaw; Tegegn, 2022).

O distanciamento social, a necessidade de apoio para executar tarefas diárias, diminuição da independência e a limitação na habilidade de cuidar de si mesmo estão relacionados aos desenvolvimentos de sintomas depressivos em pessoas com deficiência visual, o que prejudica a qualidade de vida desse grupo (Ferreira *et al.*, 2022).

Fatores associados à acessibilidade, como as dificuldades cotidianas de deslocamento, elevam a chance de surgimento de sintomas depressivos. Quanto

maior a necessidade de ajuda para se deslocar, maior é a probabilidade de relatos de sintomas depressivos (Izabel; Tiyomi, 2021).

Pessoas com deficiência visual que não estão em um relacionamento conjugal têm maior probabilidade de desenvolver problemas psicológicos. A dificuldade em realizar tarefas diárias contribui para a sensação de dependência, e a ausência de apoio em diversas áreas pode intensificar a solidão, resultando em níveis elevados de depressão e ansiedade (Munaw; Tegegn, 2022).

Entre aqueles que moram sozinhos, o sofrimento psicológico é maior do que os que convivem com familiares (cônjuge, filhos ou pais). O risco de desenvolver problemas psicológicos é mais elevado entre indivíduos que têm deficiência visual há mais de dois anos (Munaw, Tegegn, 2022; Izabel, Tiyomi, 2021).

Quanto mais tarde a cegueira se instala, maior é a intensidade dos sintomas depressivos. A duração da cegueira também se revela um fator importante, pois períodos prolongados de deficiência visual estão associados a um aumento na severidade dos sintomas.

Um artigo realizado em Kogi, um estado da região central da Nigéria, ressalta que existe uma conexão entre o comprometimento da saúde mental e pobreza evidente. Indivíduos com deficiência visual em países de baixa e média renda enfrentam menos chances de participar de atividades economicamente produtivas, o que prejudica seu bem-estar psicológico (Gascoyne *et al.*, 2022).

Nota-se que elementos como a idade avançada, nível de escolaridade baixo, dificuldades de mobilidade, falta de acessibilidade e a necessidade de assistência estão ligados ao aumento das manifestações de depressão em indivíduos com deficiência visual ou cegueira (Izabel; Tiyomi, 2021).

5.4 Relação positiva entre as Redes de Apoio, Programa de Reabilitação e prática de esporte no bem-estar emocional das pessoas com DV

A conexão entre a perda da visão e o aumento do risco de problemas psicológicos evidencia a importância do apoio psicológico e social como elementos fundamentais no tratamento e acompanhamento dessas pessoas (Munaw; Tegegn, 2022).

Um artigo publicado na Holanda mostrou que os participantes compartilharam que sua deficiência visual (DV) os deixava com a sensação de serem distintos,

vulneráveis e em desvantagem em comparação aos demais. Eles têm a percepção de que abordar temas relacionados à saúde mental poderia agravar esses sentimentos (Van Munster *et al.*, 2021).

Foi também observado que os profissionais de saúde tinham carência de conhecimento e não se sentiam confiantes e competentes para reconhecer e tratar de forma adequada a depressão e a ansiedade (Van Munster *et al.*, 2021).

Além disso, foi notado que alguns profissionais da saúde não eram empáticos ao atender adultos com cegueira ou deficiência visual. Os especialistas em saúde ocular pareciam não ter informações adequadas sobre como a deficiência visual impacta na saúde mental, comprometendo o encaminhamento ao tratamento adequado, o que torna a intervenção dos profissionais de saúde e a presença de redes de apoio social fundamentais para amenizar esses desafios (Van Munster *et al.*, 2021).

Nesse cenário, tornou-se claro o papel crucial que as redes sociais e os profissionais de saúde têm, que podem ajudar na manifestação de emoções e melhorar a detecção e o manejo de distúrbios mentais, como ansiedade e depressão (Van Munster *et al.*, 2021).

Os programas de reabilitação para pessoas com DV melhoram a capacidade física, funcional e contribuem para o bem-estar emocional, autoestima e redução dos sintomas de depressão e ansiedade (Rocha; Castro, 2023). Pessoas com DV apresentaram menor risco de desenvolver transtornos depressivos, com a prática de exercícios físicas, evidenciando o impacto positivo da prática esportiva no bem-estar emocional e na qualidade de vida (Vigário *et al.*, 2019).

6 DISCUSSÃO

A deficiência visual está igualmente associada a uma série de problemas de saúde mental, incluindo sintomas depressivos, ansiedade e comprometimento físico. Estudos realizados em diferentes regiões do mundo, como Gana, na África (Tetteh *et al.*, 2020) e Teerã, no Irã (Hashemi *et al.*, 2024), confirmam que a DV é um fator de risco significativo para esses distúrbios, sendo o isolamento social e a perda de autonomia alguns dos principais fatores contribuintes. A DV aumenta em 90% os sintomas depressivos e está fortemente correlacionada ao isolamento social, sugerindo que intervenções psicossociais podem mitigar os impactos negativos dessa condição (Tetteh *et al.*, 2020).

O conceito de bem-estar para indivíduos com DV é subjetivo e depende de interação entre fatores físicos, emocionais, sociais e psicológicos. O bem-estar envolve equilíbrio emocional e social, pois se relaciona com a qualidade de vida e a relação entre as pessoas (Heinze *et al.*, 2024).

O apoio social compreende o suporte familiar, as amizades e até mesmo a presença de animais de estimação, os quais ajudam a aliviar sentimentos de isolamento e ansiedade. A convivência com outras pessoas que compartilham a mesma condição de deficiência visual, também desempenha um papel importante, pois oferece uma rede de apoio emocional que pode promover a inclusão e o fortalecimento da autoestima (Heinze *et al.*, 2024).

O impacto das atitudes sociais também é relevante para a discussão do bem-estar de pessoas com deficiência visual. O estudo mostra que atitudes negativas, como suposições sobre as capacidades desses indivíduos, podem gerar barreiras sociais e limitar o acesso a oportunidades. Isso resulta em um impacto negativo no bem-estar psicológico, já que esses preconceitos podem afetar o senso de pertencimento e a participação ativa em diversos contextos sociais. A exclusão que essas atitudes provocam contribui significativamente para a sensação de inferioridade e perda de identidade, aspectos esses cruciais na experiência de pessoas com deficiência visual (Heinze *et al.*, 2024).

A deficiência visual adquirida de forma precoce pode ser percebida por quem a possui de modo positivo, pois tendem a vê-la como uma característica pessoal, fazendo parte de sua singularidade. Por outro lado, aqueles que adquiriram a deficiência visual tardiamente enfrentam dificuldades maiores em aceitar a nova

condição, o que pode acarretar sentimento de perda de identidade e uma dificuldade de reintegração social. A perda da visão em idade adulta pode gerar uma sensação de separação dos relacionamentos anteriores e um desafio para formar novas conexões sociais (Robertson; Tadić; Rahi, 2021).

O apoio familiar também se mostrou fundamental para o desenvolvimento da autonomia durante a infância. Pais que incentivam a independência, por exemplo, ao permitir que seus filhos com deficiência visual visitem locais públicos sozinhos contribuem para o fortalecimento da autoestima e a construção de uma identidade saudável. No entanto, esse apoio pode ser desafiado quando os indivíduos atingem a vida adulta, sendo confrontados com barreiras e discriminação em ambientes públicos, o que pode gerar sentimentos de inferioridade e estigmatização, especialmente quando fazem uso de dispositivos como bengalas brancas ou lupas (Robertson; Tadić; Rahi, 2021).

A importância dos relacionamentos românticos, especialmente para jovens adultos com deficiência visual, é de extrema relevância. Ter um parceiro para oferecer apoio funcional e emocional fora dos contextos familiares ou educacionais pode ser crucial para o desenvolvimento da identidade e para as perspectivas de futuro. Condições de como formar uma família e sustentar a si mesmo, se torna um desafio importante para aqueles que enfrentam a perda de visão em idade adulta (Robertson; Tadić; Rahi, 2021).

A prevalência de depressão entre pessoas com deficiência visual é significativa. Cerca de 25% dos pacientes com deficiência visual atendidos em clínicas oftalmológicas sofrem de depressão (Parravano *et al.*, 2021).

Uma abordagem integradora no tratamento de distúrbios mentais nesse grupo considera que a reabilitação precoce pode reduzir os sintomas depressivos. No entanto, a escassez de profissionais especializados em saúde mental para lidar com essas condições e a dificuldade de acesso a tratamentos adequados, especialmente entre pessoas de menor status socioeconômico, ainda são desafios a serem superados (Demmin; Silverstein, 2020).

A visão é uma modalidade sensorial fundamental para interações interpessoais e a comunicação social. Pessoas com perda de visão enfrentam dificuldades significativas, pois têm menos oportunidades de aprender e adaptar suas habilidades sociais (Tetteh *et al.*, 2020).

O isolamento social, por sua vez, afeta não apenas o bem-estar emocional, mas também a adesão ao tratamento médico e a utilização de serviços de saúde, o que pode agravar as condições de saúde já existentes. Além disso, esse isolamento pode estar relacionado à ansiedade, sendo a agorafobia e a fobia social os transtornos de ansiedade mais prevalentes em adultos mais velhos com DV. A ansiedade, em combinação com a deficiência visual, contribui significativamente para o surgimento de quadros de depressão nessa faixa etária. Estudos realizados em Gana, por exemplo, corroboram essa associação, mostrando que a DV influencia diretamente o desenvolvimento e a persistência da depressão (Tetteh *et al.*, 2020).

O processo de envelhecimento, somado às limitações impostas pela DV, reduz frequentemente a satisfação com a vida. Isso pode levar à perda de interesse em atividades que antes eram prazerosas, como hobbies, trabalho ou relacionamentos pessoais, predispondo esses indivíduos a sintomas depressivos. Além disso, o medo de quedas e as restrições no espaço de vida contribuem para uma diminuição da autonomia, agravando ainda mais o quadro emocional (Tetteh *et al.*, 2020).

A deficiência visual em adultos mais velhos não é apenas um problema de saúde física, mas também um fator determinante para o isolamento social e transtornos psicológicos como ansiedade e depressão. Essa relação, amplamente documentada em estudos, ressaltam a importância de estratégias de intervenção que promovam a inclusão social e o suporte emocional a essa população (Tetteh *et al.*, 2020).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa evidenciou que a deficiência visual impacta significativamente a saúde mental das pessoas que a vivenciam, gerando desafios como ansiedade, depressão e isolamento social. Esses fatores estão diretamente relacionados à falta de inclusão, acessibilidade limitada e o preconceito ainda presente na sociedade. É imprescindível que o bem-estar emocional e psicológico desse grupo seja uma prioridade nas políticas de saúde pública, promovendo atenção integral e estratégias eficazes de intervenção.

O estudo destacou que um suporte não adequado muitas vezes agrava o sofrimento psicológico, dificultando o processo de adaptação e integração. Assim, é necessário ampliar a oferta de serviços de saúde mental, incluindo programas especializados de reabilitação, com foco na autonomia e autoestima dessas pessoas.

A promoção de apoio social e atividades como a prática esportiva e programas de reabilitação e acessibilidade se mostraram essenciais para a melhoria da qualidade de vida. Esses programas não apenas fortalecem a capacidade física e funcional, mas também contribuem significativamente para a redução de sintomas de ansiedade e depressão, promovendo um maior senso de pertencimento e bem-estar emocional.

Campanhas de sensibilização e combate ao preconceito, além do fortalecimento de redes de apoio, são cruciais para uma transformação cultural que valorize e respeite as pessoas com deficiência visual. A pesquisa contribui, assim, para reforçar a urgência de políticas públicas com ações concretas que promovam uma sociedade mais justa, inclusiva e solidária. Observou-se no país uma produção científica limitada sobre essa temática.

Escrever este trabalho foi uma experiência profundamente significativa, pois permitiu trazer à tona uma temática frequentemente negligenciada e excluída pela sociedade: a deficiência visual. Ao longo da minha trajetória, como filha de pais com deficiência visual e amiga de outras pessoas que convivem com essa condição, pude observar, de perto, as falhas do Brasil no que diz respeito à acessibilidade, à saúde e ao suporte mental oferecidos a essas pessoas. É evidente que muitos profissionais de saúde não estão devidamente preparados para lidar com essa população, desconsiderando sua humanidade e suas capacidades.

É fundamental reforçar que pessoas com deficiência visual não se limitam à condição que possuem. Essa percepção, baseada em minha experiência pessoal,

reforça a importância de enxergá-las como indivíduos completos, capazes de realizar feitos extraordinários, desde que recebam o devido apoio e tenham oportunidades iguais.

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO DOS DEFICIENTES VISUAIS DO ESTADO DE GOIÁS (ADVEG). Página Inicial. 2015. Disponível em: <https://www.adveg.org.br/#:~:text=A%20ADVEG%2C%20fundada%20em%2019,visual%20no%20estado%20de%20Goi%C3%A1s>. Acesso em: 21 abr. 2024.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. Disponível em: https://lotuspsicanalise.com.br/biblioteca/Modernidade_liquida.pdf. Acesso em: 21 abr. 2024.
- BENAZZI, L. E. B. **A cegueira no contexto histórico**. Portal Educação, 09 dez. 2015.
- BRAILLE JUNDIAÍ. **História**. 2021. Disponível em: <https://braillejundiai.org.br/historia/>. Acesso em: 21 abr. 2024.
- BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Dispõe sobre a Lei Brasileira da Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União, Brasília, DF, 7 jul. 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm. Acesso em: 24 mar. 2024.
- BRASIL. Dia do Cego. 2023. Disponível em: <https://bvsmis.saude.gov.br/13-12-dia-do-cego-4/>. Acesso em: 17 mar. 2024.
- CENTRO BRASILEIRO DE CIRURGIA NOS OLHOS - CBCO. **Mulheres estão mais propensas a problemas oculares**. 2020. Disponível em: <https://cbco.com.br/mulheres-estao-mais-propensas-a-problemas-oculares/>. Acesso em: 7 abr. 2024.
- CONDE, A. **Definição de cegueira e baixa visão**. IBC, Instituto Benjamin, 2016. Disponível em: http://antigo.ibc.gov.br/images/conteudo/AREAS_ESPECIAIS/CEGUEIRA_E_BAIXA_VISAO/ARTIGOS/Def-de-cegueira-e-baixa-viso.pdf. Acesso em: 7 abr. 2024.
- DE CASTRO ROMA, A.; DOS SANTOS, R. A. O processo histórico, cultural e educativo de pessoas com deficiência visual no Brasil. **Revista Científica da Faculdade Quirinópolis**, v. 2, n. 10, p. 68-81, 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/ADMIN/Downloads/gercimarmartins,+4+O+PROCESSO+HIST%C3%93RICO,+CULTURAL+E+EDUCATIVO+DE+PESSOAS+COM+DEFICI%C3%80NCIA+VISUAL+NO+BRASIL.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2024.
- DEMMIN, D. L.; SILVERSTEIN, S. M. *Visual Impairment and Mental Health: Unmet Needs and Treatment Options*. **Clinical Ophthalmology**, Auckland, N. Z., v. 14, n. 14, p. 4229-4251, 3 dez. 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC7721280/>. Acesso em: 9 nov. 2024
- FERREIRA, T. F. P. *et al.* Risco de depressão em idosos com deficiência visual em um município do sertão cearense. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 7, p. e35311730112, 27 maio 2022. Disponível em:

file:///C:/Users/rafae/Downloads/30112-Article-344465-1-10-20220527.pdf. Acesso em: 22 set. 2024.

GASCOYNE, B. *et al.* Deficiência visual e ansiedade e depressão autorrelatadas em idosos na Nigéria: evidências de uma pesquisa transversal no estado de Kogi. ***International Health***, v. 14, Suplemento 1, p. i9-i16, abr. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/inthealth/ihab070>. Acesso em: 22 set. 2024.

GREPI, G. Cegueira e deficiência visual devem dobrar até 2050, aponta estudo. **Jornal da Universidade de São Paulo**, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/cegueira-e-deficiencia-visual-devem-dobrar-ate-2050-aponta-estudo/>. Acesso em: 7 abr. 2024.

HASHEMI, A. *et al.* *The association between visual impairment and mental disorders.* ***Scientific Reports***, v. 14, n. 1, p. 2301, 27 jan. 2024. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41598-024-52389-6#:~:text=The%20mean%20scores%20of%20physical,and%200.86%20%C2%B1%201.15%2C%20respectively>. Acesso em: 02 nov. 2024.

HEINZE, N. *et al.* *What do adults with visual impairment mean by well-being? Identifying the building blocks of well-being in the context of visual impairment.* ***Frontiers in Psychology***, v. 15, 22 ago. 2024. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/journals/psychology/articles/10.3389/fpsyg.2024.1395636/full>. Acesso em: 24 nov. 2024

INSTITUTO NACIONAL DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IBGE aponta que mais de 6 milhões de pessoas têm deficiência visual no Brasil.** 2023. Disponível em: <https://www.univali.br/noticias/Paginas/ibge-aponta-que-mais-de-6-milhoes-de-pessoas-tem-deficiencia-visual-no-brasil.aspx>. Acesso em: 17 mar. 2024.

IZABEL, M.; TIYOMI, M. Avaliação dos sintomas de depressão em pessoas com deficiência visual. ***Revista da SBPH***, v. 24, n. 1, p. 79-90, 2021. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582021000100008#:~:text=2021&text=A%20defici%C3%Aancia%20visual%20provoca%20altera%C3%A7%C3%B5es,Beck%3B%20teste%20de%20acuidade%20visual. Acesso em: 21 set. 2024.

LARAMARA. **Saúde mental e a deficiência visual.** 2023. Disponível em: <https://laramara.org.br/saude-mental-e-a-deficiencia-visual/>. Acesso em: 2 jun. 2024.

MUNAW, M. B.; TEGEGN, M. T. *Visual impairment and psychological distress among adults attending the University of Gondar tertiary eye care and training center, Northwest Ethiopia: A comparative cross-sectional study.* ***PLOS ONE***, v. 17, n. 2, p. e0264113, 17 fev. 2022. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0264113>. Acesso em: 21 set. 2024.

NEVES, Ú. As principais doenças que causam deficiência visual ou cegueira e como evitá-las. **Agência Einstein**, 2023. Disponível em: <https://www.agenciaeinstein.com.br/texto/conheca-as-principais-doencas-que-causam-deficiencia-visual-ou-cegueira-e-como-evita-las/>. Acesso em: 17 mar. 2024.

NÚCLEO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL. NEDESP. **Deficiência visual:** a cegueira e a baixa visão. 2018. Disponível em:

<https://www.ce.ufpb.br/nedesp/contents/noticias/deficiencia-visual-a-cegueira-e-a-baixa->

[visao#:~:text=Na%20verdade%2C%20sob%20defici%C3%Aancia%20visual,sua%20realiza%C3%A7%C3%A3o%20de%20formas%20alternativas.](#) Acesso em: 7 abr. 2024.

OLIVEIRA, Vera Lúcia Menezes *et al.* A pesquisa narrativa: uma introdução. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 8, n. 2, 2008. Disponível em:

<https://www.redalyc.org/pdf/3398/339829603001.pdf>. Acesso em: 5 maio 2024.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. OMS. **OMS alerta que 2,85 milhões de pessoas no mundo têm a visão prejudicada.** Ministério da Saúde, 2023.

Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/fevereiro/oms-alerta-que-285-milhoes-de-pessoas-no-mundo-tem-a-visao-prejudicada>. Acesso em: 7 abr. 2024.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. OPAS/OMS. **Saúde Ocular.** 2023.

Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/saude-ocular>. Acesso em: 7 abr. 2024.

PARRAVANO, M. C. *et al.* *Association Between Visual Impairment and Depression in Patients Attending Eye Clinics.* **JAMA Ophthalmology**, v. 139, n. 7, maio 2021.

Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC8160932/#H1-2-EOI210027>. Acesso em: 09 nov. 2024.

ROBERTSON, A. O.; TADIĆ, V.; RAHI, J. S. *This is me: A qualitative investigation of young people's experience of growing up with visual impairment.* **PLOS ONE**, v. 16, n. 7, p. e0254009, 7 jul. 2021. Disponível em:

<https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0254009>. Acesso em: 24 nov. 2024.

ROCHA, S. R. G. da; CASTRO, R. Avaliação da qualidade de vida relacionada à saúde em um programa de reabilitação para pessoas com deficiência visual.

Revista Brasileira de Oftalmologia, v. 82, 2023. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbof/a/zjhMRXHFbgJ9tzDTzzFKYQC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 set. 2024.

TETTEH, J. *et al.* *Visual impairment and social isolation, depression and life satisfaction among older adults in Ghana: analysis of the WHO's Study on global AGEing and adult health (SAGE) Wave 2.* **BMJ Open Ophthalmology**, v. 5, n. 1, p. e000492, jun. 2020. Disponível em:

<https://bmjophth.bmj.com/content/5/1/e000492#sec-25>. Acesso em: 10 nov. 2024.

VAN MUNSTER, E. P. J. *et al.* *Barriers and facilitators to recognize and discuss depression and anxiety experienced by adults with vision impairment or blindness: a qualitative study.* **BMC Health Services Research**, v. 21, n. 1, 28 jul. 2021.

Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC8317369/>. Acesso em: 21 set. 2024.

VIANA, E. Pesquisa vai investigar efeitos da audiodescrição em pessoas com deficiência visual. **Jornal da USP**, 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/diversidade/pesquisa-vai-investigar-efeitos-da-audiodescricao-em-pessoas-com-deficiencia-visual/>. Acesso em: 21 abr. 2024.

VIGÁRIO, P. S. *et al.* Dissimilaridade entre o estado de humor, humor deprimido e qualidade de vida em atletas com deficiência visual. **Cuadernos de Psicología del Deporte**, v. 19, n. 2, p. 147-159, 2019. Disponível em: https://scielo.isciii.es/scielo.php?pid=S1578-84232019000200012&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 22 set. 2024.